

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Narcisismo

*Por Lores Pedro Meller**

Termo que designa o amor que o sujeito atribui a si mesmo. Antes de Freud, os sexólogos denominavam narcisismo a uma forma de perversão sexual: no lugar de tomar um objeto de amor ou de desejo fora de si mesmo, o sujeito tomava o próprio corpo por objeto.

Porém, a partir de 1910, Freud vai conferindo uma importância cada vez maior ao narcisismo, já não vendo como patológico, mas sim como uma condição normal, presente em todo ser humano, essencial em sua estruturação.

Freud necessitou *introduzir*, na teoria da libido (fase oral, anal-sádica e fálica) uma fase, anterior a essas, na qual o Eu se torna o primeiro objeto do investimento libidinal, constituindo o narcisismo primário e a libido nele posta, chamada libido narcisista. Só depois, passa a investir os objetos e a libido passa a ser libido objetal. O retorno desta ao eu, constitui o narcisismo secundário.

O deslocamento da libido do eu ao objeto e vice-versa é constante, normal e saudável. Fixar-se em um ou em outro é que pode ser patológico. No artigo de 1914, "Sobre o Narcisismo: uma Introdução" Freud diz: "um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final precisamos começar a amar para não adoecer..." A cada noite, quando nos recolhemos para dormir, a libido tem que ser retirada dos objetos e depositada no Eu - no desejo de dormir. Na doença orgânica, na hipocondria observa-se uma maior concentração da libido no Eu.

Nas psicoses também ocorre um desligamento dos objetos do mundo exterior, há um afastamento da realidade, ou seja, um retraimento ao Eu da libido objetal. Este passa a ser o objeto da libido, o Eu "se ama" e isso se manifesta com expressões de megalomania, delírio de grandeza etc. Freud, muito perspicaz, constatou que essa situação se dava nos povos primitivos e também nas crianças, como onipotência do pensamento - como pensamento mágico. Se pensava acontecia.

Então, se isso, acontecia com todas as crianças o narcisismo era uma etapa do desenvolvimento, comum a todo ser humano. O Eu era a primeira estação da libido.

A esse Eu – do narcisismo primário, Freud denominou “*Eu ideal*”, um eu onipotente – que tudo podia, regido pelo princípio do prazer. A duras penas, com as exigências da vida – regido pelo princípio da realidade, esse *Eu ideal* foi se transformando em *Eu real definitivo*. Entretanto, no *Eu definitivo*, estruturado-aquele *Eu ideal* segue presente como um ideal a ser alcançado, como *ideal do Eu*. O ser humano pode adoecer (patologias narcísicas) no afã de reencontrar aquele *Eu ideal*, completo, perfeito. Esse ideal também pode servir de modelo para as relações humanas. Busca encontrar no outro o ideal que um dia foi, ou que gostaria de ser ou o ideal depositado no próprio que o filho/a, que realizará os sonhos não alcançados.

Apesar das suas insuficiências, realçada inclusive por Freud, o conceito de narcisismo serviu de ponto de partida a numerosos desenvolvimentos pós-freudianos. Entre eles, Heinz Kohut, que a partir da clínica dos transtornos narcísicas, contribuiu para a corrente da *Self Psychology*. Donald Winnicott, com seus desenvolvimentos sobre as interações precoces, mãe-bebê. Jaques Lacan, com a concepção do estágio do espelho. André Green – seguindo as marcas do “destino do narcisismo”... 1976 – com *Narcisismo negativo*.

* Lores Pedro Meller é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.